

# CLIPPING

04 de Junho de 2019  
O Liberal— Cidades, 06

## Especialista aponta para várias tecnologias

Quatro meses não é tempo suficiente para encontrar solução definitiva para o problema do lixo na Região Metropolitana de Belém (RMB). Quem afirma é o especialista em Plano Estratégico para Resíduos Mário Russo, pesquisador da Fundação de Amparo e Desenvolvimento da Pesquisa (Fadusp), ligada à Universidade Federal do Pará (UFPA). Ele disse ontem que o ideal seria combinar várias tecnologias para não depender unicamente de um aterro sanitário. Na última sexta-feira (31), a Justiça determinou que o aterro sanitário de Marituba

que o aterro sanitário de Marituba ainda é fundamental. "É uma questão pragmática. É essencial para construir outras alternativas. Enquanto estamos construindo essas outras opções, precisamos de um local minimamente seguro para a deposição dos resíduos. Hoje, o aterro é instrumental", avaliou. Em menos de três dias sem coleta, em consequência do bloqueio que moradores de Marituba realizaram na pista de acesso ao aterro, a Grande Belém foi tomada pelo lixo. Mário Russo acredita que a expansão do empreendimento evitará o caos. "A Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Sustentabilidade deu carta



continuasse com as operações pelo prazo de quatro meses. A Prefeitura Municipal de Belém informou que, neste período, lutará em busca de alternativas, convidando para o diálogo o Governo do Estado, Ministério Público do Estado, prefeituras de Ananindeua e Marituba, universidades, além de engenheiros da equipe municipal e outras instituições públicas. "Não existe tempo hábil para se colocar uma solução com máquinas e equipamentos para funcionar nesse curto espaço de tempo", atalhou Mário Russo. "Conseguiríamos se fosse um município pequeno, mas estamos falando de uma área metropolitana". Segundo ele, é quase consensual entre os pesquisadores que a RMB merece uma solução robusta não só com aterro, mas envolvendo várias tecnologias, como compostagem, sistema gaseificador, aproveitamento de resíduos para geração de energia e tecnologias de incineração, entre outras, já que, no momento, não há área para um novo aterro. No entanto, o professor esclareceu

branca para a expansão que já estava prevista no aterro", pontuou o pesquisador. "Mas deve haer acompanhamento por entidade que não seja apenas da empresa". Ele destacou a necessidade de se dar atenção especial para os moradores de Marituba. "A população não pode mais ser prejudicada. Ela está farta de disfunção. É preciso olhar com muita paciência para esse descontentamento", alertou. "A gente pode aguentar uma disfunção de um mau cheiro por um ou dois dias. Mas quando se repete muito fica impossível. Precisam olhar com mais amor para essa situação".

Mário Russo criticou também a falta de coleta seletiva na região. "Faz muita falta. Gastam muito com limpeza de canais, onde a população joga lixo. Mas é preciso investir na educação ambiental", aconselhou. "Um investimento sério com um projeto que envolva muita gente, mas vale a pena, educadores ambientais, cooperativas, mobilização, motorização, vai trazer retorno para os municípios".